

# HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS NEGRAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

■ LETÍCIA LAUREANO DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-0729-0392>

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

■ DENISE MACEDO ZILIOOTTO

<https://orcid.org/0000-0001-9146-5425>

Universidade São Paulo

## RESUMO

As políticas públicas – como a Lei de Cotas – buscam assegurar e ampliar a presença de afrodescendentes na educação superior. Contudo, as desigualdades de acesso à universidade continuam sendo uma realidade para a população negra, bem como a ocupação de posições neste âmbito. Nesse sentido, a presente investigação analisa as histórias de vida de professoras universitárias negras, enfatizando as relações entre educação, trabalho e docência universitária. Foi desenvolvida pesquisa qualitativa, de característica exploratória, a partir de histórias de vida analisadas sob a perspectiva hermenêutica. Identifica-se que as participantes tiveram suas escolhas profissionais incentivadas pela família e todas vivenciaram condições semelhantes: precisaram conciliar educação e trabalho durante o percurso acadêmico, e a docência universitária tornou-se objetivo profissional após o ingresso na pós-graduação. As docentes revelam que suas histórias são marcadas pela dupla discriminação – de raça e gênero – sendo suas presenças nas instituições de ensino superior valorizadas por colegas afrodescendentes, gerando reflexões em estudantes negras(os) e não negras(os).

**Palavras-chave:** Docência. Ensino superior. Mulheres negras.

## ABSTRACT

### LIFE STORIES OF BLACK TEACHERS IN HIGHER EDUCATION

Public policies - such as Quota Law - seek to ensure and expand the presence of people of African descent in university education. However, inequalities in access to university remain a reality for the black population, as well as occupying positions in this area. In this sense, the present investigation analyzes the life stories of black university

professors, emphasizing the relationship between education, work and university teaching. Qualitative research, with an exploratory characteristic, was developed from life stories analyzed from a hermeneutic perspective. It is identified that the participants had their professional choices encouraged by the family and all experienced similar conditions: they had to reconcile education and work during their academic career, and university teaching became a professional objective after entering postgraduate school. The teachers reveal that their stories are marked by double discrimination - of race and gender - with their presence in university education institutions valued by colleagues of African descent, generating reflections in black and non-black students.

**Keywords:** Teaching. University education. Black women.

## RESUMEN

### HISTORIAS DE VIDA DE PROFESORAS NEGRAS EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Las políticas públicas brasileñas - como la Ley de Cuotas - buscan asegurar y ampliar la presencia de afrodescendientes en la educación superior. Sin embargo, las desigualdades de ingreso a la universidad siguen siendo una constante para la población negra, sin olvidar las que se presentan para la ocupación de puestos en el rubro. En este sentido, el presente estudio analiza las historias de vida de profesoras universitarias negras, destacando la relación entre educación, trabajo y docencia universitaria. La investigación presentada es cualitativa, de carácter exploratorio y fue desarrollada a partir de historias de vida analizadas desde una perspectiva hermenéutica. Se identificó que las participantes tuvieron opciones profesionales motivadas en el ámbito familiar, con condiciones de vida similares: conciliaron la educación y el trabajo durante su carrera académica, convirtiendo la docencia universitaria en un objetivo profesional posterior del ingreso a la escuela de posgrado. Las docentes revelan que sus historias están marcadas por una doble discriminación -de raza y género- en su actuación en instituciones de educación superior, mientras que la misma es valorada por colegas afrodescendientes, pues incita a la reflexión en estudiantes negros y no negros de género indistinto.

**Palabras clave:** Docencia. Enseñanza superior. Mujeres negras.

## Introdução

O século XX é marcado por transformações que estabeleceram mudanças significativas no mundo do trabalho, a partir do desenvolvimento de novas tecnologias, de incessantes reconfigurações das relações laborais e da ampliação dos espaços ocupados pelas mulheres em diversas atividades profissionais. Contudo, Munanga e Gomes (2016) salientam que a situação da mulher negra passou por poucos avanços se comparada com as mulheres não negras. Apesar das transformações nas condições de vida e de trabalho, as pretas e pardas vivenciam uma desigualdade social mais acentuada se comparada às mulheres e homens não negros, mesmo depois de 300 anos de escravização dos povos africanos no Brasil e decorridos mais de 100 anos do fim do regime escravista, evidenciando efeitos da dupla discriminação por serem negras e mulheres.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019), a maior distância de rendimentos ocorre quando comparados os indicadores dos homens brancos e das mulheres pretas ou pardas. Uma mulher negra recebe menos da metade do que um homem branco, ou seja, 44,4%. As desigualdades raciais no mercado de trabalho também são apontadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) (2020): entre o primeiro e segundo trimestre de 2020, mais de 6 milhões de mulheres e homens negros saíram da força de trabalho; entre os brancos, o número de pessoas na mesma situação chegou a 2,4 milhões. Os índices evidenciam a desigualdade de gênero e raça na taxa de desocupação: para as mulheres, a taxa no segundo trimestre foi de 18,2%; enquanto que, para os homens não negros, não ultrapassou 9,5%.

Em relação à educação, políticas públicas como a Lei nº 12.711/2012, conhecida como a

Lei de Cotas, buscam assegurar e ampliar a presença de afrodescendentes na educação superior, podendo sugerir que o acesso garantido à população negra a igualdade de oportunidades. No entanto, de acordo com os dados do Censo da Educação Superior (INEP, 2020), o percentual de docentes negras(os) nas instituições de ensino superior no Brasil é de apenas 2%, enquanto o percentual de docentes autodeclaradas(os) brancas(os) é de 52,1%. Se realizado o cruzamento dos indicadores de raça e gênero, as desigualdades são ainda mais perceptíveis. Conforme o último levantamento que associa estes dois marcadores sociais na docência da educação superior (INEP, 2017), as mulheres pretas com doutorado são 0,4% do corpo docente na pós-graduação no Brasil. Quando somadas as mulheres pretas e pardas com doutorado, não chegam a 3% do total de docentes.

Ribeiro (2017) sustenta a importância do debate sobre a posição ocupada pelas mulheres na sociedade, buscando entender que as múltiplas discriminações por raça, gênero, classe, sexualidade, entrecruzam-se e geram diferentes formas de opressão, incluindo as desigualdades educacionais e no mundo do trabalho. Euclides (2017) salienta que mesmo com os avanços e políticas para acesso da população negra no sistema educacional e para a inserção e permanência no mercado de trabalho, as mulheres negras continuam enfrentando barreiras para trilhar percursos profissionais semelhantes aos dos homens e mulheres brancas e homens negros, o que torna relevante a realização de estudos que analisem as diversas formas de opressão em diferentes contextos.

Em relação às professoras universitárias negras, Quadros (2015) defende que pesquisar sobre essas mulheres implica olhar de

maneira atenta aos diversos acontecimentos. Analisar as vivências de mulheres que são protagonistas nas relações de raça e gênero, em uma sociedade hierarquicamente estruturada e multirracial como a brasileira, requer uma reflexão aprofundada. Santos (2018) salienta que observar as nuances de racismo e sexismo no ambiente universitário, tendo como sujeitos professoras negras, possibilita um “olhar de dentro” sobre as opressões existentes em espaços ditos inconcebíveis de discriminação.

Diante dos elementos apresentados, foi desenvolvida investigação que tem como objetivo analisar histórias de vida de docentes universitárias negras, buscando investigar relações entre educação, trabalho e docência universitária. A pesquisa qualitativa e exploratória tem como fonte de coleta de dados entrevistas realizadas com três professoras negras que atuam em instituições privadas de ensino superior. A partir do relato das participantes, foram estabelecidas categorias de análise buscando responder à questão de pesquisa, partindo dos seguintes elementos advindos das histórias compartilhadas: escolarização e formação universitária, pós-graduação e docência na educação superior.

## A mulher negra e o mundo do trabalho

Davis (2016) sustenta que o espaço que o trabalho ocupa hoje na vida de muitas mulheres negras no mundo ainda reproduz um padrão estabelecido no período de escravidão. No passado escravista, enquanto os homens sofriam punições que consistiam em açoitamentos e mutilações, as mulheres, além de serem açoitadas e mutiladas, também eram estupradas. Para os colonizadores, o estupro era uma expressão de domínio econômico e controle do proprietário em relação às suas escravas na condição de trabalhadoras.

Schumacher e Brazil (2007) afirmam que as mulheres negras escravizadas no país também eram exploradas sexualmente pelos colonizadores, pois muitas que trabalhavam na casa-grande se tornavam vítimas de estupro e assédios constantes, sendo obrigadas a viver como concubinas de seus senhores. Davis (2016) assinala que, após a escravização, muitas mulheres negras continuaram trabalhando nas plantações; para as demais, restavam como alternativas os trabalhos domésticos ou serviços como lavar roupas em casa para famílias brancas, sendo difícil escapar da lógica do campo, cozinha ou lavanderia.

Munanga e Gomes (2016) observam que as mulheres negras deixaram suas casas para que as mulheres brancas pudessem atuar como trabalhadoras, ficando novamente restritas em posições profissionais no âmbito doméstico, no cuidado com a casa e os filhos de outras famílias. Sobre a presença das mulheres negras no mundo do trabalho, Ribeiro (2018) declara que são poucos os empregadores que contratam mulheres negras para as suas vagas. Embora as mulheres tenham conquistado espaços no mundo do trabalho, a incidência da raça e de gênero ainda agudiza a precarização do trabalho, pois as mulheres representam 92% das pessoas ocupadas com trabalho doméstico (4,5 milhões), sendo que 65% delas são negras. As trabalhadoras domésticas negras têm as jornadas de trabalho mais longas e perderam mais posições de trabalho entre 2019 e 2020: as negras de 3,9 milhões para 3 milhões, e as não negras de 1,9 milhão para 1,5 milhão (DIEESE, 2021).

Conforme denuncia Carneiro (2003), o não reconhecimento das sequelas do racismo e da discriminação racial nos processos de seleção e alocação da mão de obra feminina, mesmo em situações em que as mulheres negras possuem qualificação e formação necessárias aos cargos, tornou insustentável manter um dis-

curso feminista universal. Portanto, é possível perceber que apesar dos avanços das mulheres obtidos graças às lutas dos movimentos feministas na ocupação de espaços sociais, as mulheres negras ainda precisam enfrentar as barreiras da discriminação racial, o que tem sido sustentado pelo feminismo negro.<sup>1</sup>

## Educação como estratégia de combate à discriminação de raça e gênero

A população negra precisou e ainda precisa ultrapassar as barreiras impostas pelo racismo e, dentre os estigmas existentes, identifica-se a crença de que os afrodescendentes possuem menor capacidade intelectual e que, por esse motivo, encontram-se em situação de desigualdade social. Gomes (2010) salienta que o estereótipo de inferioridade da população presente no cotidiano social e educacional é o reflexo de algo construído historicamente e sofre um processo de retroalimentação, reforçando e legitimando as práticas racistas presentes no imaginário social. Gonçalves e Silva (2000) explicitam que, no período pós-abolição, a população negra se depara com o abandono, continuando em condição de desigualdade, pois a necessidade de trabalhar afastava homens e mulheres dos bancos escolares.

Munanga e Gomes (2016) enfatizam que as políticas universais de acesso à educação, implementadas durante o século XX, não foram suficientes para alterar as desigualdades educacionais geradas pelo racismo estrutural. Conforme Gomes (2012), a educação sempre foi uma das pautas das entidades negras ao longo do seu percurso. O acesso à formação educacional é visto pelo Movimento Negro Unificado (MNU) como um direito daqueles que lutam

pela democracia e como uma possibilidade de ascensão social.

Além das dificuldades de acesso à educação, o racismo e a discriminação produzem efeitos nas práticas de ensino. Silva e Gomes (2007) consideram que, mesmo a diversidade étnico-racial constituindo uma característica marcante da sociedade brasileira, de forma contraditória, ela é muitas vezes ignorada nos ambientes educacionais. Ribeiro (2018) declara que, apesar da Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que estabelece diretrizes e bases para inclusão no currículo da rede de ensino público da temática História e Cultura Afro-Brasileira, é evidente a resistência por parte dos educadores, mostrando que racismo estrutural se manifesta de forma sutil através do silenciamento sobre a história dos povos africanos no Brasil. Como consequência, a tomada de consciência a respeito da contribuição histórica da cultura afro-brasileira torna-se inviável, reforçando as ópticas e práticas excludentes também na educação.

Os impactos do racismo também são percebidos no ensino superior. Conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) (2020), apenas 7,12% do total de matrículas realizadas nos cursos de graduação presenciais e a distância são de estudantes que se autodeclararam pretos, seguidos de 31,02% de estudantes pardos e 42,43% de autodeclarados brancos. É notável a diferença entre o percentual de estudantes que se autodeclararam pretos e brancos, sendo este mais um indicativo da presença do racismo estrutural na sociedade brasileira.

## Percurso investigativo

Esta investigação possui enfoque qualitativo, de nível exploratório, tendo como objetivo analisar histórias de vida de professoras universitárias negras, buscando compreender as

<sup>1</sup> O feminismo negro foi o movimento que concretamente introduziu os constructos raça e classe no debate feminista (HOLLANDA et al., p. 21, 2020).

relações entre educação, trabalho e docência universitária. A pesquisa focaliza o contexto de três docentes que atuam em instituições privadas de educação superior, interpretada sob a perspectiva hermenêutica.

A coleta de dados foi realizada a partir de entrevistas, nas quais as participantes foram convidadas a compartilhar suas histórias de vida. Josso (2006) defende que, ao lembrar sua história, o participante compartilha o que sabe sobre si mesmo e sobre o que lhe rodeia, buscando compreender melhor as relações que o compõem como sujeito. Além disso, permite que o entrevistado, juntamente com o pesquisador, localize o que contribuiu para a formação de quem ele é.

Corroborando a escolha metodológica, Santos (2018) salienta que as histórias ocorridas nas salas de aula, nos corredores das universidades em que atuam, bem como nas relações individuais e coletivas, trazem à tona atos discriminatórios, velados ou ocultos, atrás da realidade dos fatos históricos de uma parcela de indivíduos marcados pela exclusão social. A utilização da técnica da história de vida é baseada na livre exposição e manifestação do pensamento, das interpretações e dos entendimentos das entrevistadas sobre os fatos vividos.

No tratamento do material advindo das narrativas, foi desenvolvida a análise sob a perspectiva hermenêutica, que, de acordo com Hermann (2003), tem como característica o pensar e o conhecer voltado para a vida prática, opondo-se à crença de uma realidade totalmente objetiva. Esse tipo de análise considera a perspectiva do interpretar, da produção de sentido e da impossibilidade de separar o sujeito do mundo objetivado. Minayo (2001) salienta que no método hermenêutico a fala dos atores sociais é situada em seu contexto buscando uma melhor compreensão, constituindo-se numa aproximação da realidade social.

Com base nas narrativas das participantes, estabeleceram-se categorias que buscam elucidar a questão de pesquisa, sendo examinadas nas seguintes perspectivas: escolarização e formação universitária, pós-graduação e docência na educação superior.

## Docentes universitárias negras: percursos e trajetórias

Inicialmente, são apresentadas as participantes da investigação, a partir de entrevistas gravadas e, posteriormente, transcritas e analisadas. Seus nomes foram alterados por pseudônimos de origem africana a fim de preservar as suas identidades. Os nomes de pessoas e instituições citados nas entrevistas também foram alterados.

Amara, 42 anos, formada em Ciências Contábeis, mestrado em Economia e especialização em Psicopedagogia. Atua como docente de cursos de graduação e pós-graduação de instituições de ensino privadas.

Yellen, 34 anos, com formação em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, mestrado em Educação, especialização em Docência no Ensino Superior, especialização em Gestão Educacional. Atua como professora/tutora de cursos de graduação na modalidade a distância de instituição de ensino privada.

Luena, 56 anos, com formação em Pedagogia, especialização em Supervisão Escolar, MBA em Gestão Educacional e mestrado em Teologia. Professora há 33 anos, sendo 16 anos no ensino superior. Atualmente, é aposentada e trabalha em uma faculdade privada, onde realiza atividades como professora, coordenadora de grupo de pesquisa, coordenadora do Comitê de Ética e membro da Comissão Permanente de Avaliação (CPA) da instituição.

Destaca-se que Yellen e Luena possuem formação em Pedagogia e especialização em Gestão Educacional. Apesar de Amara ser for-

mada na área de Gestão, optou por realizar uma especialização na área educacional – Psicopedagogia.

A partir das histórias de vida das docentes, foram estabelecidas categorias de análise partindo dos seguintes elementos: escolarização e formação universitária, pós-graduação, docência na educação superior, contemplando os momentos e tempos que marcam os percursos das professoras.

## Escolarização e formação universitária

Amara e Luena situam a influência dos pais na primeira etapa de escolarização, seja através de incentivos ou conselhos recebidos sobre a importância da educação. Amara lembra do estímulo da mãe na alfabetização antes do ingresso na escola: *“Fui alfabetizada pela minha mãe antes de ingressar na escola - eu entrei na escola com seis anos e eu sempre tive bastante facilidade no colégio. Na escola, eu tinha os amiguinhos que eram mais velhos e dava aula para eles”*. Luena recorda dos conselhos dados pelos seus pais a respeito da importância da educação para o futuro: *“Meu pai e a minha mãe sempre me diziam: estudem tudo que vocês puderem. A única herança que a gente pode deixar para vocês é o estudo, o saber e o conhecimento e isso nunca ninguém vai tirar de vocês”*.

O estímulo da mãe de Amara para a alfabetização antes do ingresso na escola e os conselhos dados pelos pais de Luena a respeito da importância da educação indicam uma preocupação das famílias das participantes sobre a formação escolar como forma de superação das barreiras sociais impostas aos afrodescendentes. hooks (2013) afirma que a população negra aprende desde muito cedo que o interesse pelos estudos e à vida intelectual é um ato de resistência à hegemonia branca.

Yellen compartilha sobre a realidade da escola pública em que estudou, rememorando vivenciar problemas como a ausência de professores, desvalorização docente, desrespeito por parte dos alunos: *“os professores faltavam na escola estadual, eu sempre achei aquilo péssimo, fiquei numa escola bem longe da minha casa em razão dos amigos [...] Eu me arrependi muito de ter permanecido naquela escola”*. A menção remete à característica da educação básica a que teve acesso, sinalizando as dificuldades relativas aos professores e possivelmente a importância de estar próxima a colegas que representassem pertencimento e proteção. A entrevistada relaciona a qualidade da educação pública recebida e a impossibilidade posterior do ingresso em uma universidade federal. Ribero (2018) explicita que um estudante negro que estudou em uma escola pública com baixa qualidade de ensino dificilmente terá as mesmas chances de ingresso de um estudante de classe média que estudou em uma boa escola. A pesquisadora sustenta que esta é uma das nuances do racismo estrutural, que impede a mobilidade social e o acesso da população negra a esses espaços.

As entrevistadas também relatam sobre as escolhas de formação profissional, que se desdobram face ao percurso de escolarização anterior e contexto social. Yellen compartilha que também tentou por várias vezes o ingresso em uma universidade federal, mas sem conseguir a classificação necessária. A participante cultivava o desejo de cursar a faculdade de Fisioterapia em universidade pública, tendo como segunda opção o curso de Administração Hospitalar em uma instituição privada, o que acabou se concretizando. Ribeiro (2018) assinala que o racismo estrutural é revelado quando a população negra tem maiores dificuldades para ocupar determinados espaços, pois o estudante negro oriundo de uma escola

pública poderá ter poucas chances de ingresso em uma universidade federal.

Yellen relata que não se adaptou à instituição privada e ao curso escolhido, sentindo o impacto das diferenças sociais entre ela e seus colegas, que tinham maior poder aquisitivo. A docente analisa a decisão de interromper a graduação e ingressar em um curso técnico gratuito, considerando que se sentiu melhor adaptada ao grupo dos novos colegas: *“fui sorteada para o secretariado. Adorei as pessoas, vi que era outro público, bem mais maduro [...] Eram todas pessoas que já trabalhavam, pessoas mais velhas, enfim, que escolheram aquele curso porque realmente queriam estudar”*.

A mudança de rumo relatada relaciona-se com a análise de Munanga e Gomes (2016) ao sustentarem que a forma institucional de segregação de pessoas negras é percebida sutilmente. Ela se manifesta através do isolamento dos negros em determinados locais, instituições e empregos. O não pertencimento inicial no ensino superior e a consequente opção por um curso técnico, de alunos trabalhadores que possivelmente compartilham realidades mais próximas a sua, revelam os níveis de ensino e os respectivos públicos que lhe são característicos.

Kilomba (2019) declara que nas estruturas universitárias, a diferença racial e social de determinados indivíduos é percebida como “fora do lugar”. Sistemáticamente, os estudantes são convidados a se retirarem desses espaços de uma forma sutil, interpretado através do sentimento de não pertencimento neste ambiente. Portanto, a opção de Yellen por não concluir o curso em uma instituição privada e ingressar em um curso técnico público pode sugerir que de alguma forma a participante sentiu-se excluída em um ambiente acadêmico elitizado. Outro ponto importante a ser observado é o fato da entrevistada não ter ingressado no curso que inicialmente era do seu

desejo, o que também pode ter influenciado a sua decisão.

A participante também menciona que a escolha pelo curso de Secretariado foi motivada por já possuir experiência na área e por ter uma integrante da família que atuava na profissão. A vivência no curso técnico despertou o interesse por atividades relacionadas à informática e Yellen recorda que teve a oportunidade de auxiliar colegas que tiveram dificuldades durante o curso e essa experiência foi determinante na escolha do curso superior que ingressaria: *“eu comecei a gostar daquilo, uma docência para adultos, envolvendo tecnologia, isso me interessou [...] Pesquisando, eu encontrei em uma instituição privada o curso de Pedagogia em Multimeios e Informática Educativa e me apaixonei”*.

Após a conclusão do curso técnico, prestou vestibular e foi aprovada, vivendo uma experiência diferente do ingresso anterior no ensino superior, pois o curso era sua principal escolha: *“eu me apaixonei pelo curso! E quando eu entrei, nas primeiras disciplinas, a estrutura das pessoas... metade da turma tinha magistério, a outra metade não tinha, e eu me apaixonei!”*. As referências ao grupo social e ao exercício da docência foram decisivos para o reconhecimento e confirmação da pertinência de sua decisão, visibilizando que há espaços com distinções que trazem significativas implicações aos estudantes e profissionais.

Luena assinala ter optado pela carreira docente por recomendação da família, que considerava a profissão como uma porta de entrada para o mercado de trabalho: *“eu fiz magistério [...] como eu sou de uma família bem humilde, a minha mãe sempre dizia: vocês têm que ser professoras, porque já sai trabalhando. Terminou o segundo grau e já sai trabalhando”*. A importância de uma educação voltada para o trabalho, resultando na geração de renda imediata para a família, é um contexto pre-

dominante na população negra. Muitas vezes, é preciso abdicar da continuidade dos estudos ou escolher um percurso de formação mais rápido para responder às demandas de empregabilidade, marcadas, nessa circunstância, por funções operacionais e de baixa remuneração.

Amara explica que inicialmente pensou na área de Tecnologia da Informação, mas após assistir a uma palestra em uma instituição de ensino profissionalizante, surgiu o interesse na área contábil: *“nesse curso, teve uma palestra de um contador, que na época era presidente do Conselho de Contabilidade, e eu fiquei apaixonada por aquilo, com tudo que ele falou. Eu fiquei apaixonada e pensei: eu vou trocar e a minha opção vai ser fazer Contabilidade”*. A participante frequentou um curso pré-vestibular e depois fez concurso para ingresso em universidade federal, sendo aprovada para Ciências Contábeis. A importância de referências profissionais que ofereçam vias de identificação com as mulheres negras mostra-se fundamental, seja através do conhecimento de seus percursos de trabalho, pela sua presença efetiva nas instituições e nas diversas redes sociais de interação. O caráter majoritário de lideranças masculinas brancas nos postos de gestão não confere perspectivas de pertencimento às mulheres, o que vai sendo sinalizado pelas diferenças salariais e pela preferência de homens em muitos processos seletivos.

Luena também descreve a sua decisão de ingressar na área de Educação, situando ter inicialmente cursado magistério no Ensino Médio, e após ingressar em Pedagogia em uma universidade privada. A entrevistada comenta que o ingresso em uma universidade pública não era um objetivo a ser alcançado, pois não era visto como um espaço para pessoas como ela, negra e vinda de famílias de baixa renda: *“nunca alguém disse para mim que existia possibilidade de eu fazer uma graduação na federal, porque eu não ia chegar na federal nunca!*

*A federal não era para nós”*. Kilomba (2019) explicita que a negritude é significada pela marcação, vista em determinados espaços como um “corpo fora do lugar”, sendo um desses lugares o ambiente universitário.

A história de Luena revela que o seu ingresso em uma universidade pública era percebido por ela como algo inacessível, um lugar onde apenas um grupo seletivo teria acesso, não composto por pessoas negras. Para reverter esse contexto, em sua atuação profissional atual, busca orientar os estudantes sobre as possibilidades de ingresso em instituições públicas. A professora destaca que, apesar das políticas afirmativas de acesso à educação, muitos jovens não vislumbram o ingresso em instituições federais por falta de informações e orientação: *“eu tenho certeza que, se tu chegares a um grupo de jovens, muitos não têm a noção do que é uma bolsa da Capes, do que são as políticas de ações afirmativas, ou ainda, tem gente que nem sabe da existência do Prouni”*<sup>2</sup>

Munanga e Gomes (2016) afirmam que existe falta de conhecimento e até mesmo informações desconhecidas a respeito das políticas afirmativas, pois a discussão sobre a temática é marcada por estereótipos, incompreensão e manipulação política. Muitas pessoas, incluindo os afrodescendentes, colocam-se contrárias a qualquer tipo de ação afirmativa por não saberem exatamente qual a função das políticas públicas.

## Pós-graduação

As histórias que entrelaçam formação e atividade profissional na docência universitária compreendem também o percurso na pós-graduação, no qual outros desafios e circunstâncias se impõem. Yellen circunscreve o ingresso nessa etapa de ensino diante da insatisfação com sua situação profissional, pois não se sen-

<sup>2</sup> Programa Universidade para Todos.

tia valorizada, percebendo que outras oportunidades seriam possíveis diante de novo investimento em formação. Através de ex-colega de universidade, conheceu o curso de especialização em Docência na Educação Superior, o que lhe interessou pela possibilidade de vir a atuar no ensino superior.

Ao longo da especialização, Yellen soube que a instituição em que estudava oferecia cursos de graduação na modalidade a distância. Como possuía formação em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, a participante vislumbrou uma oportunidade como professora/tutora de instituições que possuem cursos nessa modalidade de ensino. Além de especializações das especializações em Docência no Ensino Superior e em Gestão Educacional, Yellen também cursou mestrado em Educação em uma universidade fora do país, através da Educação a Distância (EaD), despertando ainda mais o seu interesse por essa modalidade de ensino.

Amara assinala que o seu ingresso na pós-graduação ocorreu após período em que residiu no exterior. Ao retornar, buscou informações sobre ingresso no mestrado na universidade em que se graduou, realizando o processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Economia. O contato com professor da graduação, no dia em que faria a matrícula para ingresso no mestrado, despertou o interesse pela docência no ensino superior. Ele a indagou sobre o interesse em ingressar na carreira docente, ao que respondeu: *“olha, penso nisso. E ele respondeu: vamos conversar um pouquinho, então”*. A confirmação de seu projeto pelo docente que contribuiu em sua formação parece decisiva para a continuidade da formação e ampliação das perspectivas profissionais.

Luena concluiu a graduação em uma universidade privada e depois ingressou no curso de especialização em universidade federal. O trabalho de conclusão da graduação e pós-

graduação versaram sobre a formação de professores, que, de alguma forma, conduziram ao ingresso no mestrado em Teologia. Após a conclusão do mestrado, passou a desenvolver ações de formação de professores norteadas pela promulgação da Lei nº 10.639 (BRASIL, 2003), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas.

Amara e Luena manifestaram que não desejam ingressar no doutorado. Para Amara, significaria abdicar de suas atividades profissionais, o que considera inviável em virtude de seu momento na carreira: *“eu teria de abrir mão do meu trabalho para viver com uma bolsa de doutorado. Quando tu tens 20 anos e quando tu tens 40 anos são realidades completamente diferentes. Já tenho uma vida formada. Eu fico pensando se ainda vale a pena eu fazer o doutorado”*.

A entrevistada assinala que uma bolsa de doutorado tem impactos distintos para estudantes em momentos de vida diferentes, ou seja, o aporte financeiro pelas bolsas de fomento não suportaria sua condição atual. As políticas de financiamento da pós-graduação são indiretamente questionadas pelas considerações de Amara, bem como o incentivo à formação de professores em nível de mestrado e doutorado. Importante observar que a recusa à continuidade da formação situa-se diante de uma impossibilidade, o que sugere algo de um pertencimento não considerado: as condições para a realização do doutorado não se compatibilizam com sua trajetória profissional.

Luena também reflete sobre sua escolha, explicando os possíveis impactos que o ingresso em um programa de doutorado teria em sua vida profissional: *“eu fiz a opção de não fazer o doutorado, porque eu prefiro estar escrevendo livros, fazendo outras coisas, sendo mais propositiva de imediato dentro de uma instituição, do que estar fazendo um*

*doutorado, que, vamos dizer assim, 70 % das portas iriam se fechar”.*

A participante analisa a realidade dos profissionais com doutorado nas instituições de ensino superior a partir de sua experiência como gestora educacional: *“eu sei que tem um número X de doutores que podem estar dentro de uma instituição. É muito mais fácil um mestre estar dentro de uma instituição que tem um número X de doutores e sei que eu não estaria dentro deste número X”.* A dimensão analisada pela participante descortina o caráter mercadológico da profissionalização docente, notadamente contraditório aos discursos de incentivo à formação como garantia de empregabilidade, contrastando com o que é pronunciado pelas instituições de ensino aos seus alunos/clientes.

De acordo com Marques (2018), a presença de negros e negras em espaços de formação contribui para o fortalecimento étnico-racial de jovens afrodescendentes e os incentiva a ocuparem espaços considerados socialmente brancos, como a universidade. A partir das histórias de vida das participantes, observa-se que a formação superior possibilitou vislumbrar oportunidades ligadas à atuação como docentes. Por outro lado, para Amara e Luena, o ingresso em um curso de doutorado é visto como uma barreira em seus percursos profissionais, pois implicaria abdicar de projetos pessoais e profissionais, além de destacarem a seletividade existente no ambiente universitário; Yellen não refere interesse em ingressar no doutorado.

## Docência na educação superior

Ao serem questionadas sobre o que as impulsionou para a docência no ensino superior, as participantes contextualizam a partir de seus percursos profissionais. Amara e Yellen destacam que haviam cogitado a profissão docente, mas foram desestimuladas pela desvalori-

zação social dos professores. Amara entende que, apesar do desejo de ensinar ter se manifestado desde a infância, foi desencorajada por pessoas próximas a buscar essa carreira, optando então pela área contábil: *“quando cheguei na vida adulta, eu tive aquele sonho cortado e eu hoje penso muito a respeito disso. Era aquela questão: tu queres ser professora? Então tu vais ser pobre pra sempre (risos)”.* Yellen também comenta que inicialmente não considerava a possibilidade de ser professora, pois significava uma profissão mal remunerada. Luena considerou que, por já possuir experiência na área de Educação, a docência no ensino superior foi vista como uma possibilidade de formar futuros pedagogos.

hooks (2013) assinala que a Educação é percebida como uma área em crise, sendo o ensino considerado um objeto não digno de consideração. No entanto, a pesquisadora salienta que a sala de aula permanece como um espaço de possibilidades concretas de mudanças sociais. Amara e Yellen relatam que foi durante a pós-graduação que surgiu o interesse e as oportunidades de ingresso na docência em educação superior. Yellen relata que, em uma das disciplinas do mestrado, teve contato com um colega que atuava em uma instituição de ensino superior e conseguiu informações sobre um processo seletivo para atuar como professora/tutora de cursos na modalidade a distância.

Luena compartilha sobre o primeiro processo seletivo para atuar na educação superior, uma seleção para professor substituto em uma instituição privada, surgindo após outras oportunidades de atuação nesse contexto. Amara menciona que sua primeira experiência na educação superior surgiu a partir de um processo seletivo para professor substituto da universidade em que cursava o mestrado, período em que precisou conciliar as aulas e o seu emprego como docente.

Amara comenta perceber diferenças entre o seu percurso profissional e de parte dos docentes universitários. Segundo ela, a maioria dos seus colegas ingressou no mestrado logo após a conclusão da graduação, sem a necessidade de conciliar o trabalho com a vida acadêmica. *“Eles ingressam na faculdade e saem da faculdade sem nunca ter trabalhado. Ingressam direto em um mestrado e depois doutorado, também sem nunca ter trabalhado e aos 25 anos são doutores, passando no primeiro concurso para a Federal”.*

De acordo com Amara, apesar de perceber que esse é o padrão de percurso dos seus colegas professores, ela entende que o ingresso na carreira docente é mais difícil para a população negra. *“A docência para nós negros é mais custosa em relação a isso. Eu, por exemplo, saí da faculdade já trabalhando. Então eu pesquisei dentro da minha carreira, como chegar a um nível em que eu pudesse pagar pelo mestrado, o que não era uma coisa automática”.*

Em relação à discriminação por gênero e/ou raça em sua atuação como docente, Yellen relata não ter percebido nenhuma manifestação de discriminação de forma explícita. Conforme a participante, as ocorrências foram sutis, como situa o episódio em sala de aula com uma estudante não negra que tentava colar durante uma avaliação. Yellen revelou surpresa ao saber de um comentário feito pela aluna: *“um dia ela falou com outra colega: eu estou fazendo uma cadeira com aquela professora negra. Ela é bem exigente, destacando o fato de eu ser negra. Acho que foi uma das primeiras vezes que eu ouvi.* Ela explica que se surpreendeu com o fato de destacar a cor da sua pele ao descrevê-la”. Ribeiro (2019) observa que a linguagem é carregada de valores sociais e algumas expressões remetem ao entendimento de que ser negro é uma contraposição a algo. Nesse sentido, a expressão *“aquela professora negra [...] é bem exigente”* pode sugerir que,

para aquela estudante, a sua raça seria algo a destacar, o que possivelmente não teria sido aludido às professoras brancas.

Amara afirma ter vivenciado uma atitude de discriminação nas primeiras semanas em que atuava como docente de instituição privada: *“era primeira ou segunda semana de aula, eu estava terminando de fechar os sistemas (no notebook), chegou o guarda e bateu na porta com força e disse: a aula acabou, vai embora! Falou aquilo e eu sentada na mesa do professor”.* A participante complementa que se o funcionário percebesse imediatamente a sua posição como docente, o tratamento direcionado a ela seria diferente. Ela destaca ter observado o espanto do colaborador ao entender que ela era a docente naquele espaço. Yellen comenta que para evitar equívocos por parte dos estudantes, utiliza como estratégia a forma de manifestar-se no espaço acadêmico: *“quando eu chego em uma turma que não é a minha, eu adoro chegar bem tranqüilona, brincando e falando: ‘Oi! Boa noite!’, para o pessoal ver que eu sou a professora (risos)”.*

Luena relata perceber as reações das pessoas em determinados espaços em que ocupa: *“eu cansei de ver olhares. O próprio corpo fala, o corpo das pessoas fala, a expressão das pessoas fala. Mas eu nunca permiti que as pessoas se manifestassem dessa forma, o problema não é meu (risos)”.* Ela também relembra uma situação que considera engraçada ocorrida com os seus alunos, relacionada ao seu sobrenome de origem europeia. Por ser casada com um homem de descendência alemã, ela comenta que, em diversas situações, a reação inicial dos estudantes foi de surpresa ao depa- rarem com uma professora negra com sobrenome alemão.

Kilomba (2019) defende que o racismo não se caracteriza pela falta de informação e sim na projeção de informações que não são desejáveis ou esperadas na(o) “Outra/o”. Nesse

sentido, essa afirmação pode relacionar-se com o fato dos estudantes idealizarem uma mulher com um sobrenome de origem germânica como uma mulher branca, pois Luena relata que o seu sobrenome alemão causa estranhamento. Ribeiro (2019) também sustenta que as profissionais negras que circulam em espaços de poder frequentemente são reduzidas a determinados estereótipos. Em ambientes profissionais, mulheres negras podem ser confundidas com trabalhadoras que realizam atividades consideradas com menor *status* social, como, por exemplo, ocupações domésticas de copeira e faxineira.

No entanto, as três participantes destacaram situações em que a presença de uma docente negra no meio universitário gerou manifestações positivas de estudantes e funcionários. Amara conta que, na mesma instituição em que foi hostilizada por um funcionário, recebeu uma manifestação positiva de outro profissional: *“eu tinha direito a utilizar o estacionamento dos professores. Um dia um dos funcionários me falou que trabalhava lá há muito tempo e que era a primeira vez via uma professora negra. Ele disse que estava muito feliz, pois também era negro”*. Yellen também comenta sobre as reações favoráveis quando participa de eventos ou atividades acadêmicas: *“com certeza, é um diferencial. Quando eu vou dar uma palestra ou eu promovo um minicurso, eu vejo os olhares das pessoas, brilham os olhos. Eu percebo o pessoal comentando: que legal, uma professora negra!”*.

Davis (2016) salienta o valor simbólico para a população negra quando professoras afrodescendentes se fazem presentes nas universidades. Ao longo da história, as pessoas negras que recebem instrução acadêmica associam o conhecimento a uma batalha coletiva de seu povo pela igualdade de oportunidades. As participantes reconhecem o impacto de suas presenças no ensino superior como forma de

representatividade, pois percebem que se tornam uma referência para estudantes negros e negras. Yellen lembra que uma ex-aluna, ao ser entrevistada por um jornal de grande circulação, mencionou-a como referência em seu percurso acadêmico: *“ela disse que o que a fez permanecer e ser grata à faculdade foi ter uma professora universitária negra. Aquilo me chocou! Pensei: que legal!”*.

Amara também comenta sobre os incentivos vindos dos estudantes, principalmente de alunos negros. Ela explica que, assim como ela, muitos deles nasceram em bairros periféricos e são egressos de escolas públicas, permitindo uma identificação: *“se ela tem uma trajetória parecida com a minha, nascida na periferia, que estudou em escola pública, que começou a trabalhar muito cedo e que chegou lá, eu também posso!”*. Silva e Euclides (2018) argumentam sobre a importância da presença de professoras negras nas universidades, problematizando questões atinentes a gênero e raça na interlocução entre docentes e estudantes. Além disso, as docentes subvertem a lógica das desigualdades sociais vividas pela população, conquistando um espaço profissional bastante restrito.

Luena destaca a importância da educação das Relações Étnico-Raciais (RER) na educação básica: *“a nossa expectativa é a formação dessas crianças que hoje, desde a educação infantil, precisam conhecer a realidade, a história da África, a história afro-brasileira, a história do negro a partir da África e não da escravidão”*. Nessa perspectiva, a formação de professores pode alargar os efeitos da presença da docente na universidade, alcançando outras gerações e espaços de escolarização. Importante refletir que muitas vezes essa função é delegada somente às(aos) professoras(es) negras(os), sob a alegação que não há propriedade de outros profissionais para realizarem essa transmissão. Atualiza-se nesse argumento a falta de com-

prometimento de todas(os) para com a formação em RER também no âmbito do ensino superior, algo que perpetua as circunstâncias de exclusão também pela via da educação.

Amara reforça a relevância da realização de estudos sobre as mulheres negras nos espaços de produção de conhecimento, como a universidade, o que a motivou a compartilhar suas vivências na entrevista. *“eu achei bem interessante e por isso aceitei ter essa conversa. O que a gente precisa hoje é demonstrar e botar a cara para bater”*. A participante também comenta sobre os diálogos realizados com outras mulheres negras professoras: *“eu tenho conversado com outras professoras negras. Eu tenho pelo menos duas amigas professoras negras da mesma área e a gente tem conversado muito sobre isso, de como que a gente pode, de certa forma, empoderar os outros”*.

Munanga e Gomes (2016) declaram que as mulheres negras são socialmente importantes na história do Brasil, constroem seus percursos através de muita luta, perseverança, sabedoria, sendo uma referência na construção de uma sociedade digna para todos e somando esforços no combate às desigualdades de raça e gênero. As histórias de vida das professoras revelaram que, apesar de seus percursos serem marcados por episódios de discriminação, a educação é percebida como uma estratégia para ultrapassar as barreiras impostas pelo racismo e o sexismo. Mesmo considerando as dificuldades enfrentadas, as docentes percebem a importância de estarem na universidade, pois além de demonstrarem competências profissionais nas atividades em que atuam, tornam-se referência para estudantes e profissionais negros(as).

## Considerações finais

O dia 13 de maio de 1888 marca oficialmente o fim do regime de escravidão no Brasil. Contu-

do, as mulheres negras ainda sentem os reflexos desse período histórico, sendo marcadas pela discriminação de raça e gênero. Nesse contexto, o investimento em educação é visto como uma estratégia para combater as desigualdades e opressões.

Com base nessa perspectiva, a pesquisa analisou histórias de vida de professoras universitárias negras no contexto da educação privada, investigando relações entre educação, trabalho e docência. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa exploratória, tendo como fonte de coleta de dados entrevistas com três docentes que atuam no ensino superior, analisadas sob a perspectiva hermenêutica.

As participantes mencionam a influência da família no percurso de escolarização e nas escolhas profissionais que realizaram. Embora duas professoras tenham formação na área da Educação, a docência no ensino superior não foi inicialmente considerada como uma opção de percurso profissional pelas entrevistadas. A necessidade de conciliar trabalho e formação na graduação foi uma realidade vivenciada pelas três participantes. Experiências relativas à discriminação racial e de gênero estão presentes nos percursos profissionais das participantes, assim, a constatação de serem as únicas profissionais negras nas instituições em que trabalham numa posição que causa estranhamento, considerando a condição de poder pela transmissão e produção de conhecimento que possuem. As entrevistadas reconhecem a importância de sua presença na universidade, podendo ser uma referência para estudantes negros(as) e problematizando questões referentes às desigualdades de raça e gênero existentes no país.

## Referências

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Esta-

belece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.711 de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2012/lei-12711-29-agosto-2012-774113-publicacaooriginal-137498-pl.html>>. Acesso em: 27 maio 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-133, Dez. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 ago. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). **Boletim Especial: Desigualdade entre negros e brancos se aprofunda durante a pandemia**. São Paulo: 2020. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/boletimespecial/2020/boletimEspecial03.html>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS (DIEESE). Trabalho doméstico no Brasil. São Paulo: 2021. Disponível em: [www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html](http://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/trabalhoDomestico.html). Acesso em: 25 maio 2022.

EUCLIDES, Maria Simone. **Mulheres negras, doutoras, teóricas e professoras universitárias: desafios e conquistas**. 2017. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26901>>. Acesso em: 20 out. 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **Cadernos Pagu**, n. 6/7,

p. 67-82, jan. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1862>>. Acesso em: 14 maio 2020.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, set. 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302012000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302012000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 ago. 2020.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, dez. 2000. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782000000300009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782000000300009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 maio 2020.

HERMANN, Nadja. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de *et. alii*. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: educação como prática de liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Brasília: 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101681>>. Acesso em: 5 nov. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo de educação superior 2016**. Brasília: 2017. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>> Acesso em: 20 maio 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo de educação superior 2019**. Brasília: 2020. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/>> Acesso em: 21 maio 2020.

JOSSO, Marie Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras,

deformadoras e transformadoras. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 373-383, ago. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200012&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 18 nov. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios do racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARQUES, Eugenia Portela de Siqueira. O acesso à educação superior e o fortalecimento da identidade negra. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-23, dez. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782018000100282&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782018000100282&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 maio 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2016.

QUADROS, Taiana Flores de. **Vida de mulheres negras, professoras universitárias na Universidade Federal de Santa Maria**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7228>>. Acesso em: 22 dez. 2020.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Patricia Heliadora. **Racismo e Sexismo**: mulheres na docência do ensino superior em Montes Claros (1998 – 2015). Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros. 2018. Disponível em: <[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=7561026](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7561026)>. Acesso em: 2 jul. 2020.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2007.

SILVA, Joselina da; EUCLIDES, Maria Simone. Falando de gênero, raça e educação: trajetórias de professoras doutoras negras de universidades públicas dos estados do Ceará e do Rio de Janeiro (Brasil). **Educ. rev.**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 51-66, ago. 2018. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602018000400051&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000400051&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; GOMES, Nilma Lino (Org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. 3. ed. São Paulo: Autêntica, 2007.

Recebido em: 05/01/2022

Revisado em: 31/05/2022

Aprovado em: 15/06/2022

Publicado em: 31/08/2022

**Letícia Laureano dos Santos** é doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora em cursos de graduação no Centro Universitário Ritter dos Reis (UNIRITTER). *E-mail*: [letthy81@gmail.com](mailto:letthy81@gmail.com)

**Denise Macedo Ziliotto** é doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP). Membro da Cátedra Otávio Frias Filho de Estudos em Comunicação, Democracia e Diversidade do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP. Coordena o coletivo Psicanálise na Praça Emancipação. *E-mail*: [dmziliotto@gmail.com](mailto:dmziliotto@gmail.com)